

peças que poderiam ensinar. Gostam de trabalhar junto com os membros da ala. Eles sabem que essas são excelentes oportunidades para encontrar pessoas. Eles são dedicados no estabelecimento do reino do Senhor. Têm um forte testemunho de que vão ser mais semelhantes a Cristo ao participar desses resgates.

Para terminar, gostaria de compartilhar com vocês mais um tesouro escondido nesse relato das escrituras. Está no versículo 5: “E Jesus, [viu] a fé *deles*” (grifo do autor). Eu não tinha notado isso antes — a fé *deles*. Nossa fé conjunta também vai afetar o bem-estar dos outros.

Quem eram aquelas pessoas que Jesus mencionou? Elas bem poderiam incluir os quatro que carregaram o paraplégico, o próprio doente, as pessoas que oraram por ele e todos os que estavam lá ouvindo a pregação de Jesus e regozijando-se em seu coração pelo milagre que logo aconteceria. Poderia também incluir um cônjuge, um pai ou uma mãe, um filho ou uma filha, um missionário, um presidente de quórum, uma presidente da Sociedade de Socorro, um bispo e um amigo distante. Todos nós podemos ajudar uns aos outros. Devemos sempre estar zelosamente envolvidos em resgatar os necessitados.

Testifico que Jesus Cristo é um Deus de milagres. Jesus Cristo ama a todos nós e tem poder de salvar e curar, tanto física como espiritualmente. Quando O ajudamos em Sua missão de salvar almas, também somos resgatados no processo. Destas coisas eu testifico, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

#### NOTA

1. Ver, por exemplo, Thomas S. Monson, “Nossa Responsabilidade de Resgatar”, *A Liahona*, outubro de 2013, p. 4.



**Élder D. Todd Christofferson**  
Do Quórum dos Doze Apóstolos

## Livres para Sempre, para Agirem por Si Mesmos

*É o desejo de Deus que sejamos homens e mulheres livres, capazes de atingir nosso pleno potencial tanto material quanto espiritualmente.*

A peça de William Shakespeare *A Vida do Rei Henrique V* inclui uma cena noturna no acampamento de soldados ingleses em Agincourt, pouco antes da batalha contra o exército francês. Sob uma luz fraca e parcialmente disfarçado, o rei Henrique caminha despercebido entre os seus soldados. Ele conversa com eles, tentando avaliar a confiança de suas tropas que estão em menor número e, por não perceberem quem ele é, são sinceros em seus comentários. Em uma parte da conversa, eles filosofam a respeito de quem tem a responsabilidade sobre o que acontece com os homens na batalha — o rei ou cada soldado individualmente.

Em determinado ponto, o rei Henrique declara: “Quanto a mim, em parte alguma poderia morrer tão satisfeito como na companhia do rei: sua causa é justa”.

Michael Williams retruca: “Isso é mais do que podemos saber”.

Seus companheiros concordam:

“Sim, ou mais do que nos compete inquirir. Já é suficiente saber que somos súditos do rei. Se sua causa for injusta, nossa obediência nos limpará de toda culpa”.

Williams acrescenta: “Mas se for injusta, o rei terá de prestar contas muito sérias”.

Não é de se surpreender que o rei Henrique tenha discordado: “Todo dever dos súditos é para com o rei; mas a alma dos súditos só a eles mesmos pertence”.<sup>1</sup>

Shakespeare não tenta resolver esse debate na peça e, de um modo ou de outro, é um debate que continua até os dias atuais — de quem é a responsabilidade pelo que acontece em nossa vida?

Quando as coisas ficam ruins, há uma tendência de culpar outras pessoas ou até mesmo a Deus. Às vezes, surge um senso de direito e os indivíduos ou grupos tentam transferir para outras pessoas ou para o governo a responsabilidade pelo

bem-estar próprio. Nos assuntos espirituais, algumas pessoas supõem que os homens e as mulheres não precisam se esforçar para atingir a retidão pessoal, porque Deus nos ama e nos salva “exatamente como somos”.

Mas Deus deseja que Seus filhos ajam de acordo com o arbítrio moral que Ele lhes deu “para que todo homem seja responsável por seus próprios pecados no dia do juízo”.<sup>2</sup> É Seu plano e Sua vontade que desempenhemos o papel principal de tomar as decisões no drama de nossa própria vida. Deus não vai viver a nossa vida por nós nem vai nos controlar como se fôssemos Suas marionetes, como Lúcifer propôs certa vez. Tampouco Seus profetas aceitarão o papel de “mestre de marionetes” no lugar de Deus. Brigham Young declarou: “Não desejo que nenhum santo dos últimos dias neste mundo, ou no céu, esteja satisfeito com qualquer coisa que eu faça, a menos que o Espírito do Senhor Jesus Cristo, o espírito de revelação, faça com que se sintam satisfeitos. Desejo que saibam por eles mesmos e que entendam por eles mesmos”.<sup>3</sup>

Assim, Deus não nos salva “exatamente como somos”, primeiro porque “exatamente como somos”, somos impuros e “nenhuma coisa impura pode habitar (...) em sua presença; pois, no idioma de Adão, Homem de Santidade é seu nome e o nome de seu Unigênito é Filho do Homem [de Santidade]”.<sup>4</sup> Segundo, Deus não vai agir para que nos tornemos alguém em quem não escolhemos, por nossas ações, nos tornar. Verdadeiramente Ele nos ama e porque Ele nos ama, não nos obriga nem nos abandona. Ao contrário, Ele nos ajuda e nos guia. De fato, a manifestação real do Seu amor são Seus mandamentos.

Devemos nos regozijar (e já nos regozijamos) com o plano ordenado



por Deus que nos permite fazer nossas próprias escolhas para agirmos por nós mesmos e vivenciar as consequências ou como as escrituras expressam: “[provar] o amargo para saber apreciar o bom”.<sup>5</sup> Somos eternamente gratos pela Expição do Salvador ter sobrepujado o pecado original para que possamos nascer neste mundo e não sermos punidos pela transgressão de Adão.<sup>6</sup> Tendo assim sido redimidos da Queda, começamos nossa vida inocentes perante Deus e “[tornarmos] livres para sempre, distinguindo o bem do mal; para [agirmos] por [nós] mesmos e não para [recebermos] a ação”.<sup>7</sup> Podemos escolher nos tornar o que desejamos e, com a ajuda de Deus, até mesmo ser como Ele é.<sup>8</sup>

O evangelho de Jesus Cristo abre o caminho para o que podemos nos tornar. Por meio da Expição de Jesus Cristo e de Sua graça, nossos fracassos em viver a lei celestial perfeita e consistentemente na mortalidade podem ser apagados e podemos desenvolver um caráter semelhante ao de Cristo. A justiça, no entanto, exige que nada disso aconteça sem nosso consentimento e sem nossa participação. Sempre foi assim. Nossa própria presença na Terra como seres físicos é consequência de uma escolha que

cada um de nós fez de participar do plano do nosso Pai.<sup>9</sup> Assim, a salvação certamente não é o resultado de uma vontade divina, mas também não é algo que acontece somente por vontade divina.<sup>10</sup>

A justiça é um atributo essencial de Deus. Podemos ter fé em Deus porque Ele é perfeitamente confiável. As escrituras nos ensinam que “Deus não anda por veredas tortuosas nem se volta para a direita ou para a esquerda nem se desvia daquilo que disse; portanto suas veredas são retas e seu caminho é um círculo eterno”<sup>11</sup> e que “Deus não faz acepção de pessoas”.<sup>12</sup> Contamos com o atributo divino da justiça para ter fé, confiança e esperança.

Mas, como consequência de ser perfeitamente justo, existem algumas coisas que Deus não pode fazer. Ele não pode ser arbitrário em salvar alguns e banir outros. Ele “não [pode] encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância”.<sup>13</sup> Ele não pode permitir que a misericórdia roube a justiça.<sup>14</sup>

É uma evidência convincente de Sua Justiça o fato de Deus ter criado o princípio da misericórdia, que acompanha a justiça. É por Ele ser justo que planejou os meios para que a misericórdia desempenhasse seu

papel indispensável em nosso destino eterno. Portanto, agora “a justiça exerce todos os seus direitos e a misericórdia também reclama tudo quanto lhe pertence”.<sup>15</sup>

Sabemos que são “os sofrimentos e a morte daquele que não cometeu pecado, em quem [o Pai rejubilou]; (...) o sangue de [Seu] Filho, que foi derramado”<sup>16</sup> que satisfaz as demandas da justiça, estende a misericórdia e nos redime.<sup>17</sup> Mesmo assim, “*de acordo com a justiça*, o plano de redenção não poderia ser realizado *senão em face do arrependimento*”.<sup>18</sup> É a exigência e a oportunidade do arrependimento que permitem que a misericórdia desempenhe seu papel sem destruir a justiça.

Cristo não morreu para salvar indiscriminadamente, mas para oferecer o arrependimento. Confiamos “plenamente nos méritos daquele que é poderoso para salvar”<sup>19</sup> no processo do arrependimento, contudo, arrepender-se é uma mudança voluntária. Assim, fazer com que o arrependimento seja uma condição para receber o dom da graça, permite-nos manter a responsabilidade por nós mesmos. O arrependimento respeita e apoia nosso arbítrio moral: “E assim a misericórdia pode satisfazer as exigências da justiça e envolve-os nos braços da segurança, enquanto que aquele que não exerce fé para o arrependimento está exposto às exigências de toda a lei da justiça; portanto, apenas para o que possui fé para o arrependimento tem efeito o grande e eterno plano de redenção”.<sup>20</sup>

Não compreender a justiça e a misericórdia de Deus é uma coisa; negar a existência ou a supremacia de Deus é outra, mas ambas vão resultar em perda — às vezes significativa — de nosso pleno potencial divino. Um Deus que não faz exigências é o



equivalente funcional a um Deus que não existe. Um mundo sem Deus, o Deus vivo que estabelece as leis morais para governar e aperfeiçoar Seus filhos, é também um mundo sem verdade e sem justiça absolutas. É um mundo onde o relativismo moral reina com supremacia.

Relativismo significa que cada pessoa é sua autoridade máxima. Evidentemente, não apenas aqueles que negam a Deus acreditam nessa filosofia. Algumas pessoas que acreditam em Deus ainda acreditam que elas decidem individualmente o que é certo e o que é errado. Um jovem adulto expressou desta maneira: “Não acho que posso dizer que o hinduísmo ou o catolicismo estão errados ou que ser episcopal seja errado — acho que isso depende apenas do que você acredita. (...) Não acho que exista um certo e um errado”.<sup>21</sup> Outro, quando perguntado a respeito da base para suas crenças religiosas, respondeu: “Acredito em mim mesmo — se resume a isso. Como poderia haver autoridade para o que você acredita?”<sup>22</sup>

Para aqueles que acreditam que qualquer coisa ou tudo pode ser verdade, a declaração de verdade objetiva, fixa e universal pode parecer uma coerção — “Eu não deveria ser forçado a acreditar que algo que eu não goste seja verdade”. Mas isso não muda a realidade. Ficar ressentido com a lei

da gravidade não vai fazer com que uma pessoa não caia, se pular de um precipício. Isso vale também para a lei e a justiça eternas. A liberdade não vem da resistência a essas leis, mas da sua aplicação. Isso é fundamental para o próprio poder de Deus. Se não fosse pela realidade das verdades fixas e imutáveis, o dom do arbítrio não teria sentido, uma vez que não poderíamos prever e pretender as consequências de nossas ações. Conforme Leí expressou: “E se disserdes que não há lei, direis também que não há pecado. E se disserdes que não há pecado, direis também que não há retidão. E não havendo retidão, não há felicidade. E não havendo retidão nem felicidade, não haverá castigo nem miséria. E se estas coisas não existem, não existe Deus. E se não existe Deus, nós também não existimos nem a Terra; pois não poderia ter havido criação nem para agir nem para receber a ação; portanto, todas as coisas inevitavelmente teriam desaparecido”.<sup>23</sup>

Tanto em questão temporal quanto espiritual, a oportunidade de assumir a responsabilidade pessoal é um dom de Deus sem o qual não podemos atingir nosso pleno potencial como filhas e filhos de Deus. A responsabilidade pessoal se torna tanto um direito quanto um dever que precisamos defender constantemente; ela está sob ataque desde antes da Criação. Temos que defender a responsabilidade contra pessoas e programas que (às vezes, com a melhor das intenções) nos tornam dependentes. E devemos defendê-la contra nossa própria inclinação de evitar o trabalho que é exigido para cultivar talentos, habilidades e um caráter cristão.

Conta-se a história de um homem que simplesmente não trabalhava. Ele queria que cuidassem dele em todas as suas necessidades. Em sua maneira

de pensar, a Igreja ou o governo, ou ambos, deviam a ele o seu sustento porque ele havia pago seus impostos e seu dízimo. Ele não tinha nada para comer, mas se recusava a trabalhar para cuidar de si mesmo. Em meio ao desespero e ao desgosto, aqueles que haviam tentado ajudá-lo decidiram que, já que ele não levantaria um dedo para se sustentar, eles podiam simplesmente levá-lo para o cemitério e deixá-lo morrer. No caminho para o cemitério, um homem disse: “Não podemos fazer isso. Tenho um pouco de milho que vou dar a ele”.

Eles, então, explicaram isso ao homem que não queria trabalhar e ele perguntou: “Ele já tirou as palhas do milho?”

Eles responderam: “Não”.

“Bem”, disse ele, “prossigam para o cemitério”.

É o desejo de Deus que sejamos homens e mulheres livres, capazes de

atingir nosso pleno potencial tanto material quanto espiritualmente, para que sejamos livres das limitações humilhantes da pobreza e do cativo do pecado, que possamos desfrutar o respeito próprio e a independência, para que estejamos preparados em todas as coisas para nos unirmos a Ele em Seu reino celestial.

Não acredito na ideia errônea de que podemos atingir esse potencial apenas por nossos esforços, sem a ajuda essencial e constante Dele. “Sabemos que é pela graça que somos salvos, depois de tudo o que pudermos fazer.”<sup>24</sup> E não precisamos alcançar um nível mínimo de capacidade ou bondade antes de receber a ajuda de Deus — podemos receber auxílio a cada hora todos os dias, não importa onde estejamos no caminho da obediência. Mas, sei que mais do que desejar Sua ajuda, devemos nos esforçar, arrepende-nos e

escolher a Deus para que Ele possa agir em nossa vida em consistência com a justiça e com o arbítrio moral. Minha súplica é que simplesmente assumamos a responsabilidade e trabalhemos para que Deus possa nos ajudar.

Presto testemunho que Deus, o Pai, vive, que Seu Filho, Jesus Cristo, é nosso Redentor e que o Espírito Santo está presente conosco. O desejo que Eles têm de nos ajudar é inquestionável, e a capacidade que têm de fazê-lo é infinita. Que possamos “[despertar] e [levantar] do pó, (...) para que se cumpram os convênios que o Pai Eterno fez [conosco]”.<sup>25</sup> Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

#### NOTAS

1. William Shakespeare, *A Vida de Henrique V*, ato 4, cena 1, versos 127–129, 131–137, 183–185.
2. Doutrina e Convênios 101:78.
3. Brigham Young, “Sermon,” *Deseret News*, 31 de outubro de 1855, p. 267; citado em Terryl Givens e Fiona Givens, *The Crucible of Doubt: Reflections on the Quest for Faith* (2014), p. 63.
4. Moisés 6:57.
5. Moisés 6:55.
6. Ver Regras de Fé 1:2; ver também 2 Néfi 2:25; Moisés 6:53–56.
7. 2 Néfi 2:26; ver também Doutrina e Convênios 93:38.
8. Ver 3 Néfi 12:48; 27:27; ver também Romanos 8:16–17; Doutrina e Convênios 84:37–38.
9. Ver Apocalipse 12:7–9; Doutrina e Convênios 29:36–38; Moisés 4:3–4.
10. Ver Doutrina e Convênios 93:29–31.
11. Doutrina e Convênios 3:2.
12. Atos 10:34.
13. Doutrina e Convênios 1:31.
14. Ver Alma 42:25.
15. Alma 42:24.
16. Doutrina e Convênios 45:4.
17. Ver Mosias 15:9.
18. Alma 42:13; grifo do autor.
19. 2 Néfi 31:19.
20. Alma 34:16.
21. Christian Smith, *Souls in Transition: The Religious and Spiritual Lives of Emerging Adults*, 2009, p. 156.
22. Em Smith, *Souls in Transition*, p. 156.
23. 2 Néfi 2:13.
24. 2 Néfi 25:23.
25. Morôni 10:31.

#### Bariloche, Argentina

